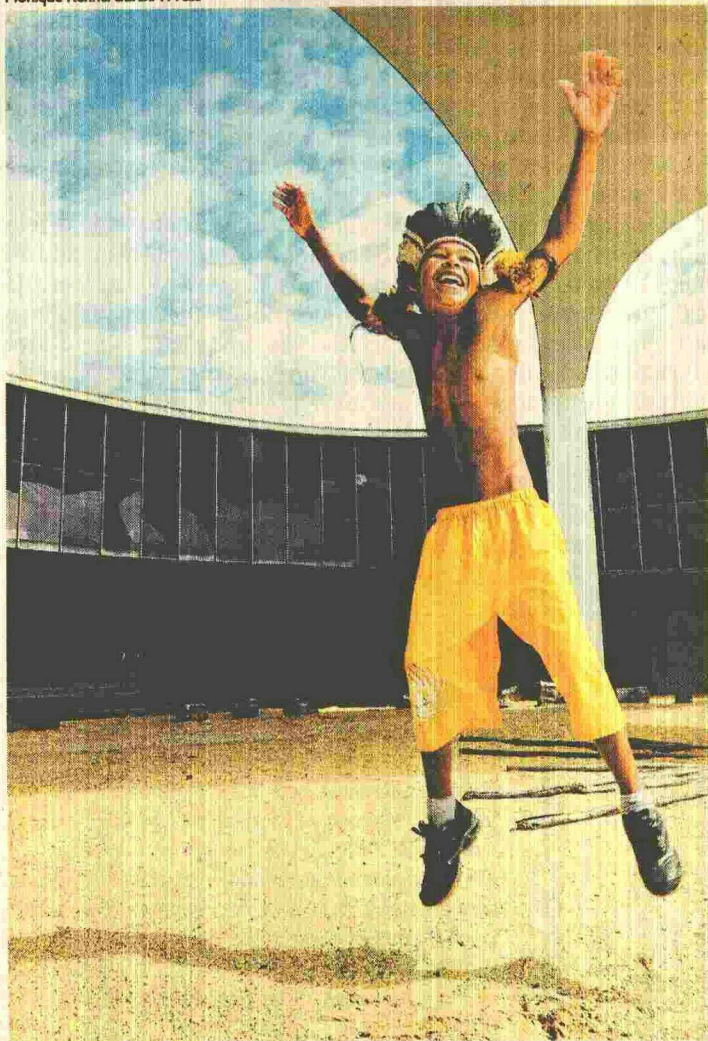




MORADOR DA RESERVA BANANAL, DANILO COMEMORA A VISITA AO MEMORIAL

DANILO E O MEMORIAL DOS POVOS INDÍGENAS

(O ENCONTRO DO ÍNDIO COM O TRIBUTO À SUA CULTURA)

LÚCIO FLÁVIO

Descendente de índios da tribo pankararus, de Pernambuco, e tuxás, da Bahia, o pequeno Danilo Douglas dos Santos, 14 anos, não fala o dialeto de seu povo. O português, muito pouco. Mas não por algum tipo de impossibilidade. Tímido, introspectivo, quase não abre a boca para conversar, preferindo, na maioria das vezes, comunicar-se por meio de um sorriso franco e contagiante, daqueles tão característicos de seus ancestrais. Nascido em Brasília, no Hospital Regional da Asa Norte (Hran), ele nem desconfiava que leva nas costas o mesmo número de anos do monumento que reverencia a sua cultura, o Memorial dos Povos indígenas. "Nunca vim aqui porque não sabia que existia", lamenta.

Estudante do Centro Educacional 7, da 912 Norte, ele é uma das 27 pessoas de nove famílias que moram na Reserva Bananal, localizada no Setor Noroeste. Segundo o IBGE, vivem em Brasília cerca de 9 mil índios. "Grande parte distribuída em várias famílias pelas satélites, atuando de forma pessoal e familiar em atividades do governo e privadas", detalha Marcos Terena, o primeiro índio a assumir a diretoria do Memorial dos Povos Indígenas.

Na Reserva Bananal, estão reunidas três etnias: Cariri-xocó (SE), Fulni-ô (PE) e Tuxá (BA). Tia do pequeno Douglas, Edinalva Conceição Cavalcante conta que sua família mora no lugar há mais de 30 anos. "Brasília é muito bom, mas não saio dessa reserva de jeito nenhum, eu gosto é demato", admite. Já Douglas transita com desenvoltura pelas vias desenhadas por Lucio Costa. Além de seguir toda semana para a escola de bicicleta, costuma visitar, nas horas de folga, o Parque da Cidade e a Água Mineral, a poucos metros da reserva onde mora. "Brasília tem coisas boas, não é um lugar poluído", observa sabidamente ele que, embora não conhecesse o Memorial dos Povos Indígenas, já tinha frequentado o Memorial JK, que fica do outro lado da rua. "Foi num passeio da escola, gostei muito. Mas não sabia que um era tão perto do outro", observa o jovem.

No Memorial dos Povos indígenas, Danilo ficou impressionado com as peças de artesanato de vários tribos brasileiras coletadas ao longo de 40 anos pelo casal de antropólogos Berta e Darcy Ribeiro e por Eduardo Galvão. A ligação do jovem índio com os objetos não é gratuita, já que ele também é um artista das mãos. Confecciona colares, brincos e pulseiras a partir de sementes de açaí e morototó, além de barbantes. "Faço um colar em meia hora", conta, orgulhoso.

E a lição que tira já tem na ponta da língua. "Vou trazer meus colegas para conhecer também. Todo mundo fala que quem descobriu o Brasil foi Pedro Álvares Cabral, mas é mentira, os índios já estavam aqui antes", ensina.

E MAIS:

Em 1995, houve importantes obras em estradas. Em março, o governo inaugurou no Paranoá a pavimentação das rodovias DF-001 e DF-015. No mesmo mês deu início à duplicação das rodovias 070 e 060. Em maio, uma epidemia do vírus Ebola invadiu o Zaire, na África, matando milhares de pessoas e assustando o mundo. Em julho, o presidente norte-americano Bill Clinton anunciou a normalização da relações entre os Estados Unidos e o Vietnã, o histórico inimigo asiático. Na Bolívia, em outubro, um general boliviano afirmou que os restos mortais do líder socialista Ernesto Che Guevara estavam enterrados na pista de pouso da base militar de Vallegrande. Um mês depois, em novembro, o líder israelense Yitzhak Rabin foi assassinado por um estudante judeu ortodoxo, contrário às negociações de paz entre Israel e Palestina.

MEMORIAL DOS POVOS INDÍGENAS

Aberto de segunda a sexta, das 9h às 18h. Sábado, das 10h às 18h.

Entrada gratuita. Telefones: 3344-1155/3342-1156